

O Flagelo

Carolina Guerra



O flagelo tem tiras de couro. Uma ou várias delas presas num cabo. Flagelo também são os dedos vermelhos de força que o agarram. O sangue que pulsa na testa, dentes cravados. Satisfação encoberta pelo estalo do açoite. Mais humano que coisa, mais forte que gente. O flagelo é conhecido por essas bandas como silêncio do corte aberto.

Já é tarde e Cássia fecha a porta. Tem no bolso um pote de creme mentolado, fecha os olhos e massageia os pés. Escuta a menina resmungar no quarto ao lado, mas não se mexe. Resolveu que era hora dela aprender a dormir sozinha no berço. Contava o tempo pra ver se era menor que na noite anterior. Cássia espera que o choro do outro quarto cesse. Aí então chora ela sem ruído cheirando as mãos de menta.

Toda madrugada as mãos de menta e a procura de promoção de vôo pro Brasil.

Dorme soluçando conivente com seu desespero.

Era a única que visitava.

Um tio distante e incrédulo o abrigou debaixo de seu teto. Ele morava agora onde o ar soprava mais limpo e o sol não tinha pressa. Tanto gostava daquele lugar que nunca mais pensou em nada. Nem na casa que passou a vida destruindo e remendando. Nem nas pessoas que deixou sem conserto.

Mas Cássia vinha. Dizia saudades e preocupação. Bebia a cerveja preta e brindava o perdão divino. Tinha fé de caminhar sobre

águas passadas e dores que inundaram anos e casas e corpos. Acreditava que Deus falava com ela enquanto abraçava o flagelo de seus dias.

Estava preocupada, mas não tocava no assunto. Pensava no futuro no advogado na consulta do médico. Perguntava da perda de peso do medo do arrependimento da vida longe da cidade do cuidado dos outros. Cássia olhava com raivalívio. Não sabia se ele devia tremer e chorar e temer e implorar e perder os cabelos da cabeça, ou se bastava a cerveja preta e a serenidade do olhar de quem vê o por do sol mais bonito cada dia e cada dia a calma sem culpa e a comida no prato. Cássia não sabia. Estava dividida entre a vida dele e sua própria sanidade.

“Pai, eu achei daquele creme igual o seu pra comprar na Argentina. O cheiro me acalma.”

Sem trânsito dava pra chegar no Taboão em duas horas e meia. Tomavam a última garrafa de cerveja. Cássia contou cinco pássaros pousando na varanda. Um por um apressados de volta ao bando, barulho agudo anunciando chuva e as asas que cortavam a falta de nuvens. O céu limpo desafiava o prelúdio dos pássaros enquanto Cássia pedia bença e dizia “Eu sei pai, tô tentando resolver.”

Pesar no corpo na cabeça na bolsa dos olhos. Silêncio agora de ar sem pássaros na rodovia. Cássia desabou no acostamento antes da vida derramar a fúria da tarde. Não tem teto que baste a água dos olhos de Cássia. Os dedos nervosos vermelhos agarrados ao volante. Flagelo da carne que não olha os dois lados antes de atravessar a rua.

Chegar antes da chuva. Quer ver a mãe antes que venha chuva. Antes que afogue as minhocas da terra que nada salva nada brota nada fica nada nasce. A terra cabada cravada debaixo das unhas

barrentas e as costas cavadas de ontens.

É humana também a chuva. Tem um rosto carregado e vasto de rudeza. Traços de violência, até. Tem o rosto daquele que Cássia vê a cara em todo canto em toda placa em toda dor que amanhece ainda dormindo. A chuva é gente que desgraça as ruas as casas pessoas molhadas debaixo do viaduto de medo e de frio.

No Taboão tudo tudo era ruína, o chão da cozinha afundava debaixo da geladeira. Tinha mais mofo que parede e mais buraco que telha. O sofá sozinho rasgado, não tinha mais retrato na sala. Cássia virava pra olhar outra coisa e emendava uma fala na outra pra não sobrar tempo de falar do desgosto. “Mãe, olha como tá madurinho o maracujá. Trepou tudo encima das árvores. Esse suco é do pé? Tá tão docinho, nem parece daqui do quintal.”

Mas de um golpe a outro tem a pausa.

A mesma mão que segura o flagelo seca a testa.

E tudo, gente e coisa vira um.

Não demora vem outro golpe e o dia desaba na casa, grossos pingos atravessam o telhado depressa. Cássia arrasta os baldes junto da mãe e não há quem dance batucada tão triste. Gotas que se juntam go depois tá no fundo da bacia.

É eu fui ver meu pai hoje. Gota. Não, o tio não tava lá. Ele tava sozinho em casa. Gota. Ah, parecia bem, tava calmo. Por que?. Gota. Mas eu tava lá ainda agora. Ele comentou de alugar uma casa em Araras mas... Eu tava lá inda agora! Gota. Faz tempo isso? Por que ninguém me disse nada? A gente só tomou cerveja, ninguém me disse nada. Gota. Aconteceu de novo. Como assim aconteceu de novo? Como pode sendo que eu tava lá, eu tava lá. Gota. Mas quem disse quem pegou quem viu quem tem certeza quem é a menina? Gota. A filha? Gota. Puta merda.

Nove anos, uma criança. Gota. E o tio disse que vai entregar, mandou ele sair de lá. Puta merda. Gota. Gota. Go-ta. Go-ta. Go ta.

O flagelo tem uma ou várias tiras de couro presas num cabo. Uma ou várias vidas presas num membro. Tem uma mão de gente que segura com força tem raiva tem desprezo tem prazer a mão que levanta e desce levanta e desce e outra e várias vezes mais. Um e dois e três estalos estocados, o flagelado fecha os olhos do mundo no silêncio do corte aberto. O corte aberto chora entre as pernas infantis de um dia que não amanheceu. E Cássia se tranca no quarto. As mãos meladas de menta sufocam os olhos o nariz a boca a cara toda. “Meu pai não é pedófilo. Meu pai não é pedófilo. Meu pai não é pedófilo”.

Carolina Guerra

29 anos, se interessa pela construção de espaços de criação coletiva e novas formas de se pensar e fazer literatura, pôde participar pela primeira vez de uma oficina de criação literária aos 18 anos, em Diadema, cidade onde cresceu e descobriu sua paixão pela escrita. Viveu em Foz do Iguaçu de 2014 à 2018, onde se graduou em Letras, Artes e Mediação Cultural pela UNILA, colaborou com o projeto de extensão Direito à Poesia, além de mediar oficinas de livros artesanais e participar do Laboratório de Escrita Criativa, importante marco em sua trajetória. Atualmente reside em São Paulo, atua na área de experiência do cliente e busca maneiras de manter a literatura viva dentro de si, apesar do caos da capital.

